

Terra prometida ¹

A Energia fazendo-se Presença.

E, assim, a possibilidade não apenas de crer e de esperar a descobrir-se e a abrir-se ao Homem, mas também (coisa bem mais inesperada e mais preciosa) *de amar*, co-extensiva e co-organicamente, com todo o passado, o presente e o futuro de um Universo em vias de concentração sobre si mesmo...

Seria como se um único raio duma luz intensa, incidindo onde quer que seja, como um relâmpago, sobre a Noosfera, devesse provocar uma explosão suficientemente forte para inflamar e renovar quase instantaneamente a face da Terra.

Como é, então, possível que, olhando à minha volta, e ainda atordoado por o que se me revelou, me encontre quase o único da minha espécie? o único a ter *visto*?... incapaz, pois, quando mo perguntam, de citar um só autor, um só escrito, onde se reconheça, claramente expressa, a maravilhosa «Diafania» que, aos meus olhos, tudo transfigurou?

E como é possível, sobretudo, que, «tendo descido da montanha», e apesar da magnificência que trago nos meus olhos, eu me encontre tão pouco melhor, tão pouco pacificado, tão incapaz de fazer passar aos meus actos, e, portanto, de comunicar aos outros, a maravilhosa unidade em que me sinto imerso?

O Cristo-Universal? O Meio Divino?

Acaso não estarei a ser o mero joguete duma miragem interior?...

Eis o que muitas vezes me pergunto.

Mas eis também que, contra isso, do fundo de mim mesmo, três vagas sucessivas de evidências se insurgem, de cada vez que me surpreendo a duvidar – e que varrem do meu espírito o falso temor de que o meu «Crístico» possa ser uma simples ilusão.

Evidência inicial da *coerência* que este inefável Elemento (ou Meio) estabelece no âmago do meu pensamento e do meu coração. Bem entendido (e eu estou farto de o saber...), apesar do ambicioso esplendor das minhas ideias, continuo, na prática, duma imperfeição que me inquieta. Mal-grado as pretensões da sua formulação, a minha fé não opera em mim tanta caridade real, nem tão calma confiança, como o catecismo que se ensina às crianças infunde na humilde pessoa ajoelhada ao meu lado. Mas o que sei também é que esta Fé refinada, de que tão mal me sirvo, é a única que eu posso suportar, a única que me satisfaz – e mesmo (não posso duvidar) a única que será capaz de servir ao comum dos homens e das mulheres de amanhã.

¹ No rescaldo da primeira guerra, o padre Teilhard de Chardin já tinha pressentido a outra Terra: «Caminharei para o futuro mais seguro da minha dupla fé de homem e de cristão... Porque pude entrevê-la, do alto da montanha, *A Terra Prometida*.» (Goldscheuer-Bade, Fevereiro 1919, extracto de “Terra Prometida”, tomo XII das obras) (NE).

O presente texto, em tradução da responsabilidade da AAPTCP, é a “Conclusão” do ensaio *Le Christique*, incluído em *Le Cœur de la Matière*, que constitui o 13º e último tomo das *Œuvres Complètes*, de Teilhard de Chardin, Éditions du Seuil, Paris, 1976. *Le Christique* foi o último ensaio do autor, escrito em Março de 1955, um mês antes da sua morte, ocorrida no dia 10 de Abril de 1955.

Evidência, em seguida, da *potência contagiosa* de uma forma de Caridade em que se torna possível amar Deus não só «de todo o seu corpo e de toda a sua alma», mas de todo o Universo-em-evolução. Ser-me-ia impossível, confessei-o acima, poder citar uma única «autoridade» (religiosa ou laica), com quem eu pudesse incondicionalmente identificar-me, tanto quanto à «visão cósmica» como quanto à «visão crística». Mas, em contrapartida, como não sentir vibrar à minha volta (que mais não fosse pela maneira como as «minhas ideias» se difundem) a multidão de todos os que – desde as fronteiras da incredulidade até ao recôndito dos conventos – pensam, sentem ou, pelo menos, pressentem exactamente como eu? Consciência reconfortante, na verdade, de nada descobrir por mim mesmo, mas, simplesmente, de fazer ressoar o que forçosamente (perante um certo estado do Cristianismo e do Mundo) vibra por todo o lado nas almas que me rodeiam. E consciência exaltante de não ser nem eu nem apenas eu – mas de ser legião – mas de ser «todos», mesmo, na medida em que se reconhece, palpitando no fundo de mim, a unanimidade de amanhã.

Evidência, enfim, da *superioridade* (ainda que simultaneamente da *identidade*) daquilo que vejo em relação ao que me haviam ensinado. Pela sua própria função, nem Deus que nos atrai pode ser menos perfeito, nem o Mundo com o qual co-evoluímos pode ser menos estimulante do que o concebemos e de que necessitamos. Tanto num caso como no outro (e a menos que admitamos uma desarmonia positiva no próprio estofado das Coisas), é na direcção do máximo que permanece a verdade. Ora, como vimos mais acima, é no século em que vivemos que no «Crístico» o Divino atinge o auge do adorável e o Evolutivo um extremo de activação. Que dizer, então, senão que é nesta direcção que, inevitavelmente, o Humano se orienta e que, mais cedo ou mais tarde, se unificará?

E, eis que, deste modo, se explica muito naturalmente o meu isolamento, a minha singularidade aparente.

Por toda a Terra, neste momento, no seio da nova atmosfera espiritual criada pela aparição da ideia de Evolução, flutuam, num estado de sensibilização extremo, o amor de Deus e a fé no Mundo: as duas componentes essenciais do Ultra-Humano. Estas duas componentes estão, por todo o lado, pairando «no ar»: mas geralmente não tão fortes, *nem simultaneamente as duas*, para se poderem combinar uma com a outra, *num mesmo sujeito*. Em mim, por puro acaso (temperamento, educação, meio...), tendo sido a proporção de uma e de outra favorável, a fusão operou-se espontaneamente – débil ainda para se propagar explosivamente – mas suficiente, todavia, para garantir que a relação é possível e que, *um dia ou outro*, a cadeia virá a estabelecer-se.

Nova prova de que basta que a Verdade apareça uma só vez, num só espírito, para que de futuro nada possa impedi-la de tudo invadir e de tudo inflamar.

Teilhard de Chardin
Nova Iorque, Março 1955